



Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na Internet, com
mais artigos e links
citados.

Fé e Cidadania



Min An/Pexels



Converter-se à amizade social

Como tema quaresmal, a amizade social se apresenta como um convite à nossa conversão. Nenhum de nós pode ser como o fariseu que se vangloriava no templo por ser melhor do que os outros (). Todos sempre teremos que dar passos concretos para viver mais e melhor tanto o amor a Deus quanto o amor ao nosso próximo. Para contribuir para a construção de uma “civilização do amor”, de um mundo mais justo, precisamos da oração, do autoconhecimento, de uma mentalidade sadia, famílias bem constituídas, gestos concretos de diálogo e de amor aos mais frágeis e aos pobres. Esse é o caminho de uma conversão à amizade social, tema deste nosso Caderno Fé e Cidadania.



A amizade social é uma tarefa conjunta

Padre Alfredo
José Gonçalves, CS*

Quaresma exige conversão. O conceito de conversão, como metáfora do trânsito urbano, significa mudança de rumo. Converter é virar para um lado ou outro. No caminho rumo ao mistério pascal, a mudança tem duas dimensões: uma espiritual, no sentido de aprofundar a intimidade com Deus, deixar-se guiar por sua Palavra viva; outra sociopastoral, na tentativa de estender a mão aos irmãos e irmãs pobres e mais necessitados. Esta segunda dimensão, no Brasil, ganha maior relevo devido ao tema da Campanha da Fraternidade deste ano, *Fraternidade e amizade social*, que lembra sermos “todos irmãos e irmãs”.

O País foi sacudido por ondas de ódio, mentira e mútua desconfiança. Ameaças públicas semearam violência dentro de instituições que vão desde a prática política até o interior das famílias, passando pela Igreja e comunidades, sem poupar os laços sagrados que tecem as relações hu-

manas. Daí a fragmentação e a polarização sociopolíticas. Disso resultou o fatal e letal rompimento do *fio da confiança*, o qual tece o xadrez da vida social. Sem a confiança, por mais tênue que seja, tampouco haverá ligações vitais de amizade no ambiente familiar, religioso, comunitário ou político-cultural. Esgarça-se o tecido social, junto com a falta de referências sólidas para orientar a conversão em relação a Deus e à caridade solidária. Passam a bater à porta os espectros da crise, do caos e do medo.

Duas são as bases para as referências que orientam nossas frágeis embarcações: um berço sadio, revestido de ternura, estima e reconhecimento, que só a família, a casa e o lar podem oferecer; e instituições como a escola e a Igreja, entre outras, que procuram traçar as balizas, a bússola e o rumo em direção ao porto seguro. Nos dias atuais, porém, grande parte das famílias – em especial na base da pirâmide social

– não possuem as condições mínimas para oferecer um berço saudável e, ao mesmo tempo, os limites da liberdade. Ocupadas com a sobrevivência, instável e precária, não lhes sobra tempo nem energias para “fazer da necessidade uma virtude”.

A sociedade moderna, com gritantes disparidades sociais, ao retirar das famílias vulneráveis o direito e o dever de criar berços sadios e estabelecer regras ao bem viver, deixou uma lacuna intransferível. Como pode outra instituição assumir esse compromisso, se ele foi postergado a uma idade em que prevalece a “formação das ruas”? Sem o substrato familiar de amor, presença, carinho, autoestima e reconhecimento, como esperar das pessoas um comportamento responsável? Os estigmas da exclusão social, há séculos impressos no corpo e na alma, leva-as aos becos sem saída do trabalho informal, da droga, do álcool, da prostituição, da violência!...

Aqui, quem vai cuidar dos limites e regras serão as forças policiais, os juízes e os tribunais!... Então, será tarde demais, e a vida pode terminar numa famigerada cracolândia!

Entra aí o gigantesco desafio da Igreja e das instituições similares. Trata-se da recomposição do *fio da confiança*! Não é fácil religar o que foi irresponsavelmente rasgado nos palanques, nas praças públicas e nas ruas, mas sobretudo na mídia e nas redes sociais. Sem esse cimento que une os tijolos das relações sociais, nada poderá ser feito com eficácia. A confiança, e somente ela, consiste no único instrumento para refazer ligações íntimas e amizades rompidas. E o caminho desse processo passa, necessariamente, pela proposta sinodal de “caminhar juntos”. A conclusão lógica é que a amizade social é uma tarefa conjunta.

* Sacerdote da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos e vice-presidente do SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes) da CNBB

A amizade social, a oração e a conversão

Frei Patrício Sciadini*

São 60 anos que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com a Campanha da Fraternidade (CF), organiza durante a Quaresma uma maratona espiritual e humana sobre aspectos sociais e religiosos da realidade sofrida do nosso povo. Deus não gostaria que sua Igreja ficasse “fechada” nas sacristias esperando o povo, dando bênção, recebendo ofertas, sem lançar sua luz sobre os problemas sociais. Nunca podemos esquecer as palavras que Deus dirige a Moisés no início do seu caminho libertador com o povo escravo no Egito: “Vi a aflição do meu povo no Egito, ouvi o seu clamor diante dos seus opressores e conheço os seus sofrimentos. Desci para libertá-lo” (Ex 3, 7-8). Essas palavras não fazem parte de um mundo passado, mas soam parte viva da história do povo que com ajuda de Deus e com a própria cooperação tenta se libertar dos novos faraós e das novas escravidões que o oprimem.

Como sugerem o tema (Fraternidade e amizade social) e o lema (“Vós sois todos irmãos e irmãs”) da CF 2024, não pode haver divórcio entre fraternidade, amizade social e sermos todos irmãos e irmãs (cf. Mt 12, 50; Mc 3, 35; Gal 3, 28).

Construir a paz e a fraternidade, soa como um trabalho artesanal, do dia a dia, em que, superando os muros e as divisões, adquirimos uma nova

O olhar dos verdadeiros místicos não nos afasta da realidade, mas nos permite vê-la a partir do nosso diálogo com Deus na oração.



Arte: Sergio Ricciuto Conte

ótica, que tem como base o amor, não os projetos de poder. Essa construção se realiza no diálogo autêntico. Sem diálogo, não há nem mesmo oração, pois a oração é “um íntimo diálogo de amor, estando a sós, com aquele que sabemos que nos ama”, como diria Teresa d’Ávila.

Contemplar implica ver a realidade e iluminá-la com a palavra de Deus, agindo a partir daí. Sozinhos, não podemos ir ao paraíso, nem sermos felizes. Se a nossa oração não nos leva a descobrir que o outro não é um rival

a ser “cancelado, deletado, eliminado”, jamais chegaremos a ser todos irmãos e irmãs. Os meios de comunicação não geram comunhão e diálogo se os que estão por trás destes meios não têm dentro de si paz, harmonia e amor. Não se trata de aperfeiçoar os meios, mas sim de aperfeiçoar o coração e, a mente.

No mundo de hoje vive-se a cultura da agressividade e da destruição para sobreviver, em todos os campos, do teológico ao moral, do pastoral ao familiar. Vivemos num momento

de noite, e, no escuro, damos golpes a esmo achando que os fantasmas são reais. Os místicos nos dizem que na noite é necessário parar, deixar as trevas se afastarem para tomar novos caminhos. O tema da Campanha da Fraternidade nos convida a parar e caminhar para a luz da Páscoa, deixando-nos iluminar para atuar segundo uma autêntica conversão de vida, rumo a uma cultura do diálogo, da escuta, das mãos dadas para caminhar juntos rumo à paz e à comunhão.

É a oração que pode “reumanizar” a vida social, criar a amizade social. Só com as leis humanas, podemos chegar a uma convenção de ordem e de medo. Só com o amor ensinado pelo Cristo, centro e luz de todo o nosso ser, podemos chegar a ser “irmãos e irmãs de todos”. Só quem encontrou Deus no mistério da oração tem capacidade de viver uma amizade social que é verdadeiro amor ao outro. “Não há amor maior do que dar a vida por aqueles a quem se ama” (1 Jo 3, 16). A Campanha da Fraternidade parte de uma visão social, a ilumina com a Palavra de Deus, e convida a agir com a conversão não às ideologias do momento, mas à pessoa de Jesus de Nazaré.

* Sacerdote carmelita, nascido em Arezzo, na Itália. Trabalhou por vários anos no Brasil, tendo se naturalizado brasileiro. Reside no Egito desde 2010, onde é reitor da Basílica de Santa Teresinha. É especialista na espiritualidade dos santos carmelitas.

O encontro que nasce do desejo compartilhado de felicidade

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Ser amigo, companheiro, sentir-se irmão de quem pensa como nós é relativamente fácil. A sociedade plural em que vivemos, contudo, nos obriga a estarmos em relação contínua com aqueles que pensam diferente, que muitas vezes parecem oferecer mais ameaças do que amizades. Assim, tendemos a considerar “normal” e até justo dividir o mundo em “amigos” e “inimigos”, bons e maus.

Se agimos desse modo, vale para nós a admoestação de Cristo: “Se amais aqueles que vos amam, que recompensa mereceis? Pois até os pecadores amam aqueles que os amam [...] Pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Então, a vossa recompensa será grande e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bondoso também para com os ingratos e os maus” (Lc 6, 32-36).

Entretanto, numa sociedade que não é só plural, mas polarizada e comprometida ideologicamente, como criar laços de amizade com quem pensa diferente sem se tornar conivente ou até mesmo ser instrumentalizado pelo

Todos compartilhamos o mesmo desejo de felicidade e realização, ainda que tentemos satisfazê-lo de formas muito diferentes. Partir desse desejo e compartilhar as experiências humanas que fazemos nessas tentativas é um caminho seguro para vivermos uma verdadeira amizade com os que pensam diferente.

outro? Certas propostas de convivência fraterna frequentemente nos parecem de uma ingenuidade atroz ou nos envolvem no paradoxo de ser tolerante com os intolerantes (que depois não nos tolerarão).

Existe uma experiência humana que é compartilhada por todos nós, mesmo que muitas vezes não nos demos conta disso. Todo ser humano experimenta um conjunto de exigências fundamentais, o desejo de felicidade, de liberdade, de justiça, de realização, etc... Ninguém quer ser infeliz. Por trás das mais loucas e masoquistas vivências humanas, encontramos o mesmo desejo de felicidade, desencaminhado, muitas vezes transformado em grito

de socorro ou denúncia contra aqueles que (suposta ou realmente) o fizeram sofrer. Por isso, o desejo de felicidade é uma “experiência elementar” (porque é o elemento original de todo agir humano) que compartilhamos até mesmo com nossos adversários mais agressivos – um ponto de partida que, uma vez invocado sinceramente, pode superar todas as barreiras e muros que nos separam, iniciando um caminho de entendimento e amizade.

Contudo, essas exigências nem sempre estão evidentes para nós mesmos. O esquecimento, a distração e as ideologias frequentemente fazem com que não nos demos conta dessa “experiência elementar” e, se não a identifi-

camos em nós mesmos, muito menos as veremos nos outros. Aquele que tem a própria experiência elementar diante dos olhos tende a perceber nos demais esse mesmo impulso original, independentemente de estar sendo respondido de forma adequada ou não. Por isso, essa experiência, quando se torna um critério de juízo e de discernimento em relação à realidade, abre uma janela de empatia e a possibilidade de encontros humanos verdadeiros.

Quando perdemos a capacidade de olhar o outro a partir desse desejo compartilhado de felicidade e de bem, é sinal de que nos deixamos determinar pelo esquecimento e pela ideologia. A amizade social, para ir além de simpatias instintivas e de confluências ideológicas, precisa dessa consciência de uma unidade última que pode ser encontrada no coração de cada um de nós, nesse desejo de felicidade e de bem, capaz de superar as barreiras partidárias, os preconceitos e os interesses pessoais.

* Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP

Pela revolução da Fraternidade Universal

Marcos Aurélio
Fernandes*

O que significa, nesta situação epocal, propor a mensagem que se concentra na expressão “Todos irmãos”? Esta ecoa a fala de Francisco de Assis, retomada em nossos dias pelo Papa Francisco. Trata-se de uma fala que exorta à fraternidade. Nela ressoa o Evangelho. Comunica o seu sabor. O ser cristão não se define pelo mero assentimento a dogmas ou pela adesão a ritos. O ser cristão se define pela posição que o ser humano toma na tensão dialética de amor e ódio que marca a história humana. Consiste no seguimento de Jesus, em adotar a forma de sua vida e a essência de sua pregação, que diz: “Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo. Pois eu vos digo: amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem para serdes filhos do vosso Pai que está nos céus. Pois Ele faz nascer o sol para bons e maus e chover sobre justos e injustos” (Mt 5, 43-45). Estas palavras conclamam a

Em nossos dias, guerra e paz deixam de ser momentos. Em todo o planeta, continuamente vigora uma guerra mundial em fragmentos. A violência deixa de ser atos isolados para ser estado, modo de ser, de viver, de se relacionar com os outros, de se relacionar com a Terra e com os seus viventes. É a solução universal para todos os conflitos. O outro, o diverso, deixa de ser o parceiro de diálogo e de um relacionamento comunicativo dialético, para ser o inimigo a ser calado e eliminado. O estar mais conectados uns com os outros no mundo virtual não nos tornou mais capazes de uma comunicação mais viva, profunda, fecunda, criativa, dialogal. Em grande parte, ela alimenta uma cultura do confronto e do ódio e não a cultura do encontro, da fraternidade e da amizade social.

uma *metanoia*, isto é, uma reviravolta do espírito, do coração humano.

O Evangelho é a dinâmica da vida da terra iluminada e saboreada pela caridade universal. Ser evangélico é ser católico e ser católico é ser capaz de um amor-gratuidade que se abre para todas as diferenças. É ter o modo de ser de Jesus Cristo, que não excluiu ninguém de seu amor, e do Pai de Jesus Cristo, que faz nascer o sol para bons e maus e faz cair a chuva para justos e injustos. É, como notou São

Francisco, ser menor, submisso a toda criatura humana por amor de Deus. Esta submissão nada tem de subserviência. É antes, colocar-se como a raiz, que tudo sustenta, como a terra, que, esquecida e desprezada, a tudo concede sustentação e solidez e tudo nutre, generosamente. Este é o modo de ser da Humildade, que é o vigor do poder inocente, do poder convertido em serviço. Quem tem este modo de ser se faz artesão, artífice, da paz. Este caminha na liberdade que a pobreza

do espírito, isto é, o desprendimento de todo e qualquer apego, concede.

O mundo moderno evocou tantas vezes a necessidade de revoluções em favor da liberdade e da igualdade. Mas ainda falta realizar, de fato, uma revolução em favor da fraternidade. Só a fraternidade universal pode dar sentido a todas as lutas por libertação e por igualdade. Seremos capazes de dar início a uma revolução da fraternidade? Não foi isso que fez Jesus de Nazaré? Não foi isso que fez Francisco de Assis? Aristóteles dizia que a cidade se fundamenta sobre a justiça e sobre a amizade social. Que reine, na cidade, a justiça é condição necessária, mas ainda não suficiente para a boa vida de todos. É preciso que reine a amizade social. Ela é a condição suficiente da vida boa para a sociedade humana. Sem uma reviravolta da cultura contemporânea, o mundo seguirá sendo cada vez mais triste e escuro, imundo e inóspito, e a Terra continuará sendo cada vez mais deserta e desolada.

* Professor da Universidade de Brasília (Departamento de Filosofia).

Quando a amizade é social

Luiz Antonio
Araujo Pierre*

Amigo da infância, da escola, do bairro, da comunidade, do clube, do trabalho, e assim por diante, se pode enumerar as amizades. Amigo é com quem se tem afinidade, cumplicidade, confiança, compreensão e que está sempre presente na tua vida, estando ele perto ou longe. Na origem latina, *amicitia* é um termo que tem a mesma raiz de *amare*: amor. No grego, segundo alguns autores, amigo é um composto de a (sem) + ego (eu), que mais ou menos seria: “sem eu”, sem apego. Jesus escolheu chamar os discípulos de amigos aos quais tudo revelou: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai” (Jo 15,15).

E por que amizade social? O que difere amizade da amizade mais geral? Amizade social, este tema escolhido para a Campanha da Fraternidade 2024, nos indica um caminho mais amplo para os relacionamentos, um olhar para o mundo além das fronteiras geográficas, sociais e econômicas, com foco para aqueles que mais precisam.

O cartaz da Campanha de 2024 traz o Papa Francisco de bengala (assumindo limites) e no peito a cruz de Dom Helder Câmara, aludindo à semelhança entre eles no olhar em busca dos mais vulneráveis e lembrando uma das maiores figuras brasileiras do século XX na luta pelos pobres e marginalizados. Dom Helder, mentor

A Campanha da Fraternidade 2024 nos convida a ter este olhar abrangente e universal da amizade social na busca da solidariedade, ampliando fronteiras e fortalecendo a unidade, pois, de fato, somos todos irmãos e irmãs.



da CNBB, da qual era secretário-geral quando em 1964 foi realizada a 1ª Campanha da Fraternidade.

A amizade social nos convida a

construir uma sociedade sem exclusão, sem indiferença, sem discriminação, sem violência e sem guerras: um convite para construir

uma sociedade solidária. Ela nos impulsiona a abrir os horizontes para as relações internacionais, economia, unidade das nações e da necessidade de estar agindo e so-nhando coletivamente, com visão solidária e abertura aos interesses de todos, com liberdade dos poderes econômicos, com interesse ao bem comum, complementando que não devemos aceitar convites para ignorar a história ou deixar de lado a experiência dos mais velhos. (cf. [Fratelli tutti](#), FT 13-14)

A parábola do Bom Samaritano muito nos ensina, pois o samaritano foi o único que teve piedade do homem caído e machucado, mesmo sendo ele um desconhecido. Um ato que foi além da amizade, extrapolou todos os parâmetros e foi ao encontro do bem do outro. A amizade social nos leva a trabalhar por políticas públicas que tenham como fim o bem comum, acatando as diversas formas da mentalidade, superando as indiferenças nas dimensões sociais e religiosas.

Devemos estimular a comunhão e o diálogo, caminhando sempre mais para uma cultura do encontro, a fim de construir a unidade em meio à pluralidade, superando divisões e polarizações. Daí, então, amizade social, já que sem fronteiras, que vai além de um relacionamento fechado em grupo, clã ou pessoas da mesma origem ou classe. O caminho é o diálogo, a escuta com o coração, sempre acreditando no amor intrínseco de todas as pessoas, pois criadas à imagem do Deus.

* Membro do Movimento dos Foculares. Advogado e professor.

Fraternidade e amizade social: contribuições para um cotidiano mais solidário

Marlise A. Bassani*

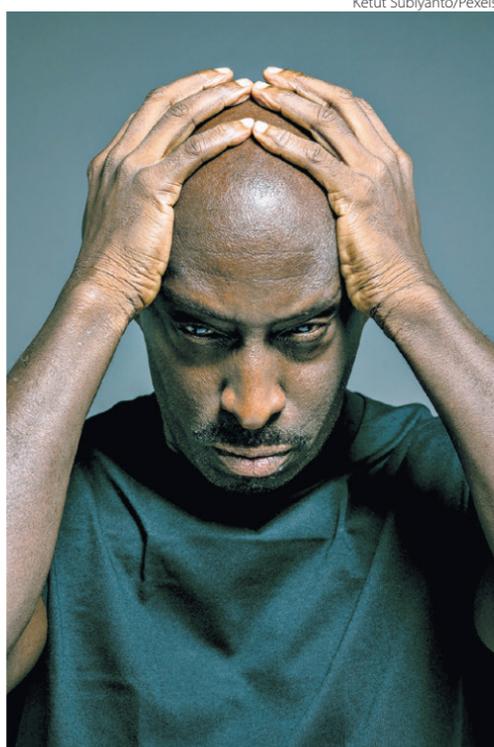
Tempo de conversão: assim aprendi o significado da Quaresma. Nessa perspectiva, as temáticas anualmente propostas pela CNBB para este período nos proporcionam reflexões para uma vivência efetiva do Evangelho, em direção ao Amor de Deus! Neste ano, somos convidados a refletir sobre o cuidado em nossas relações sociais, nossas práticas de amor fraterno, para a construção de sociedades mais solidárias e justas. Reflexões que nos ajudam a caminhar rumo à ajuda solidária frente a desastres ou impactos de episódios climáticos extremos; para o acolhimento solidário e a atenção a migrantes e refugiados por guerras e intolerância política ou religiosa; ao compromisso solidário para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

É bom ter um espírito solidário. Uma pessoa mais fraterna, mais solidária, diante de uma crise, de um problema pessoal, se mantém como parte de uma trama de relacionamentos, de um grupo social do qual se sente parte. Com isso, encontra melhores condições para enfrentar as dificuldades e superar os problemas. A partir dos laços comunitários, não se vê mais sozinha diante dos desafios e das dificuldades: partilha valores, objetivos comuns, propõe novas ações, mantém-se aprendendo e ensinando. Percebe-se mais realizada na contribuição que dá buscando ajudar a resolver problemas dos outros e da coletividade e, reciprocamente, recebendo apoio para dificuldades usuais do viver e do conviver. Assim, essa pessoa se vê valorizada, tem menos chance de sofrer com as sensações de solidão ou de impotência, tão comuns em nossa sociedade.

Além disso, as redes de relacionamentos comunitários são importantes para manutenção, crescimento e aprofundamento da fé; para ajudar a pessoa a ser capaz de agir e superar os problemas a partir da fé.

Por outro lado, pessoas menos solidárias, que exibem comportamentos antissociais, violentos e agressivos, têm mais possibilidade de apresentar sinais de depressão, isolamento social, embotamento afetivo, dificuldade em se expressar, vincular-se aos demais. Pessoas com esses modos de se relacionar, ao contrário do que pretendem parecer, tendem a ser tão solitárias quanto aquelas, aparentemente, submissas e resignadas, passivas diante da vida. Muitas vezes, apresentam sinais de comprometimento tanto em sua saúde mental quanto física, tendendo a ter mais problemas gástricos e cardíacos, por exemplo.

Por que é difícil ser solidário? Se a experiência de amizade, solidarieda-



Ketut Subiyanto/Pexels



August de Richelieu/Pexels

O tema da Campanha da Fraternidade de 2024, “Fraternidade e Amizade Social”, nos conduz a uma reflexão sobre nossas práticas de amor fraterno, sobre o cuidado em nossas relações sociais, na busca da solidariedade a partir dos ensinamentos de Jesus: somos todos filhos de Deus e, portanto, irmãos. Nessa perspectiva, o Papa Francisco nos exorta continuamente sobre a necessidade do cuidado na vida cristã – para com nossa Casa Comum, nossa vida em uma sociedade e (cf. [Laudato si](#), LS 78, 201, 208, 210-216; [Fratelli Tutti](#), FT 17, 114, 181, 223).

de e fraternidade é tão positiva, por que muitas vezes as pessoas desenvolvem um comportamento tão agressivo e hostil em relação aos demais? As dificuldades em ser solidário acontecem principalmente quando o outro é visto como uma ameaça ao seu território individual. Frequentemente, é uma questão de territorialidade e de insegurança. Não se vê o outro como ajuda, como colaboração; mas, sim, como ameaça, como perigo.

Às vezes, essa visão é fundamentada, o outro realmente se coloca como uma ameaça à pessoa e seus valores. Muitas vezes, contudo, trata-se muito mais de um desconhecimento, da falta de um trabalho de aproximação, do que de um problema real. Aprendemos a nos relacionar e a formar vínculos, a partir da observação das situações em que estamos inseridos, e das experiências que vivemos em nosso cotidiano, as consequências de nossas ações. Por isso, é importante identificar valores que podem ser compartilhados e que são parte constituinte de nosso estilo de vida. Pode acontecer que, em alguns casos, o rompimento dos laços de relacionamento seja inevitável; identificar os processos que levaram à formação e à ruptura de vínculos nos auxilia ao autoconhecimento, a reconhecer nossas potencialidades e limitações. Vincular-se afetivamente com o outro, com nossos lugares, com espaços de vida

na natureza contribuem para melhor qualidade de vida e bem-estar humano e do meio ambiente.

A importância das habilidades sociais. Sendo assim, o tema da Campanha da Fraternidade deste ano nos conduz a reflexões sobre o cuidado em nossas relações sociais para praticar o amor fraterno, em direção a sociedades mais solidárias e justas. Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de nossas habilidades sociais, aquele conjunto de comportamentos que permitem uma adequada expressão de nossos desejos, sentimentos, valores e atitudes no âmbito interpessoal, familiar e social. São comportamentos que nos permitem demonstrar empatia, estabelecer amizades e relações interpessoais de forma eficaz. Na ausência dessas habilidades, relativamente simples, se aprofunda o fosso que nos separa uns dos outros por incompreensões e outros motivos até irrelevantes.

Entre essas habilidades, amplamente usadas pelas pessoas no seu cotidiano, estão: cumprimentar (reconhecer o outro e desejar o melhor); pedir ajuda (reconhecer limitações pessoais); desculpar-se e desculpar; saber fazer críticas construtivas (ser participativo); demonstrar assertividade (ter clareza de limites pessoais e dizer “não” quando necessário); ser gentil (assertividade não agressiva);

praticar “por favor” (solicitar licença) e “obrigado/a” (agradecimento); apresentar dúvidas e questionamentos antes de censurar e condenar; desenvolver a empatia.

A prática sincera e consistente dessas habilidades é importante tanto para a própria pessoa, que se vê atuando e participando da vida do outro e da comunidade, de modo construtivo e afetivamente sadio; quanto para os outros, que reconhecem as contribuições dos demais e não se sentem mais sozinhos e ameaçados; e para toda a sociedade, que consegue avançar e superar seus problemas com mais colaboração e facilidade – seja numa situação pequena em família, seja numa decisão política que envolve toda a nação.

Expressar os valores cristãos. Diante de um mundo individualista e centrado em ganhos materiais, o tema da amizade social nos ajuda a recuperar valores cristãos fundamentais – o amor ao próximo, a fraternidade e a solidariedade. Conduz a nossa conversão a um olhar no viver cotidiano de relações e vínculos. As questões materiais não devem ser desprezadas, mas a justiça depende de sermos capazes de compartilhar os dons recebidos, de um viver de forma humana, reconhecendo o que nos faz humanos.

Nossa realização não vem da aparência ou do *status* que os bens materiais dão, do número de *views* que os influenciadores têm nas redes sociais, mas, sim, do seguimento aos valores do Evangelho. Que a amizade social, que nos é proposta nesta Campanha da Fraternidade, nos incentive a viver o cotidiano na atenção ao nosso próximo, para a vivência fraterna no cuidado de nossa Casa Comum e de nossos irmãos, em Jesus Cristo!

* Psicóloga, é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde se dedica aos temas que envolvem a relação entre a psicologia e as questões ambientais e de espiritualidade.